



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 9**

Manejo de Agroecossistemas  
e Agricultura Orgânica



## **ALHO ORGÂNICO: INOVAÇÃO DA CULTURA NA BACIA DO RIO GRANDE**

### **Relato de uma experiência popular, em Riachão das Neves/BA**

Welliton dos Reis Santos<sup>1</sup>

welliton65@gmail.com

**Tema Gerador:** Manejo de Agroecossistemas e Agricultura Orgânica

### **Introdução**

O município de Riachão das Neves é um município brasileiro, na região oeste da Bahia, distante a 912 km de Salvador. Das atividades econômicas, tem a predominância da agricultura familiar, com uma população total de 21.937 habitantes, sendo que 51% destes é a população rural, com cerca de 1.900 estabelecimentos da agricultura familiar, segundo o IBGE (2010).

O município integra o cerrado brasileiro, é margeado pelo Rio Branco e integra a bacia do Rio Grande, que destina ao lado esquerdo do rio São Francisco. É uma região tipicamente de clima tropical de savana, caracterizado por um inverno seco e um verão chuvoso. A umidade relativa do ar é maior que 60%, com o período chuvoso entre novembro e abril, segundo a empresa pública de ATER.

Pois bem, em um destes estabelecimentos, uma área aproximada de 1,0 ha, o proprietário, Miguel Souza Neto, após várias experiências por alguns municípios da região, implantou a cultura do alho (*allium sativum*) e, orgânico.

### **Contextualizando a experiência**

A cultura do alho (*allium sativum*) na região Oeste da Bahia, sempre teve como referência o município de Cristópolis, inclusive com o reconhecimento e aval da ATER estatal. Porém, ultimamente vêm expandido fronteiras. É o caso de Riachão das Neves, onde 05 famílias que produzem a hortaliça, no Assentamento de Reforma Agrária Rio Branco, que a cultura está dominando o mapa de produção regional e, conseqüentemente no estado da Bahia.

A experiência que descrevemos é a produção do alho orgânico, numa região considerada como eldorado das *commodities*, como é o caso do oeste da Bahia, que além dos transgênicos é recorde em consumo de agrotóxico, obviamente.

---

<sup>1</sup> Agricultor Familiar, brasileiro, baiano, de Barreiras, dirigente sindical, estudante do 6º Semestre de Licenciatura em Educação do Campo (CFP/UFRB).



### ...como tudo começou

O agricultor familiar, Miguelzinho do Alho, como é conhecido, é natural da Chapada Diamantina, onde desenvolvia suas atividades agrícolas entre os municípios de Bonito e Utinga, de onde saiu em busca de um pedaço de terra.

Nos anos de 2004, o mesmo inicia o plantio de alho, no município de Cristópolis, deixando de produzir por algum período. Em 2012, retoma o plantio no Assentamento, onde tem 260 famílias assentadas.



**Figura 1** – Plantação de alho

Foto: AIBA

Atualmente, a atividade é desenvolvida entre as famílias. Como é uma área de Assentamento, as condições escolares das crianças e jovens demandam que estes frequentem escolas fora da comunidade, a depender do ano cursado. Porém, quando estão no Assentamento, auxiliam nas atividades rurais. O mesmo acontece com as mulheres, que sempre estão juntas, inclusive algumas são titulares dos lotes.

### Desafios e ameaças

Apesar de ter a produção em uma área irrigada, a cultura do alho demanda outras necessidades, o que pode contribuir para algumas ameaças:

Por ser numa região de *commodities*, a produção orgânica pode ser uma alternativa: faltam meios de difusão, divulgação e, até incentivo;

- Por ser uma cultura pouco disseminada, os impactos ambientais são ignorados, porém, mesmo sendo trabalhadas as técnicas de manejo, tratos culturais, colheita e transporte até a comercialização;
- Carência de ATER pública local/regional, pois, tem assistência da *Embrapa Hortaliças*, que visita a produção, periodicamente, no decorrer do ano, inclusive já disponibilizando os serviços técnicos para o produtor, diretamente;



- Sem transporte adequado, segundo o agricultor, o produto *in natura*, é transportado no ônibus, ou na moto, dependendo da quantidade, embalado em sacos. Quando em pasta, o transporte é feito na sua motocicleta, em caixa plástica, até o local de entrega, a uma distância de quase 30 km;
- Ainda enfrenta resistência junto a agentes financeiros, pois, os financiadores condicionam a cultura ao zoneamento agrícola da região, alegando não está previsto financiamento para esta cultura;
- Doenças e fungos, porém controláveis, até então, graças à consultoria da Embrapa, periodicamente, prestada ao produtor;
- Limitações financeiras para que o produtor expanda seus conhecimentos sobre a cultura, no sentido de promover e incentivar os demais agricultores da região;



**Figura 2** – Doenças foliares (Mancha púrpura: a) desenvolvimento da alternaria. b) lavouras afetadas por alternaria)

Fotos: Lenita Lima Haber e José Luis Pereira



**Figura 3** – Doenças foliares (Ferrugem - Sintomas da ferrugem na cultura do alho)

Fotos: Francisco Vilela Resende



**Figura 4** – Doenças do solo (Podridão-branca - micélio característico da doença; ataque em reboleiras)

Fotos: Lenita Lima Haber; José Luis Pereira

### Resultados alcançados

- Expansão da área plantada, chegando em quase 5,0 ha, nos últimos quatro anos;
- Grande desenvolvimento menos de Comercialização do alho, em réstia, quilograma e, em pasta (produzida artesanalmente);
- Acesso à informação – visita à unidades produtoras e à internet;
- Produto rotulado, para comercialização;
- Aumento da produtividade: na safra anterior produziu-se 02 ton/ha a próxima safra estima-se que pode chegar a 3,5 ton/ha;
- Aumento da renda familiar já chegou a R\$ cerca de 3 salários mínimos, onde limitava-se a 01 salário, para a família;
- Aumento do número de pessoas, prevendo chegar a 10 agricultores, para a próxima safra;
- Bulbos<sup>2</sup> com maior resistência, mais aroma e mais peso, comparando aos de Cristópolis, mais conhecidos na região;
- Até por ser em pequena escala, a comercialização feita mediante encomenda: já tem os compradores direcionados.

<sup>2</sup> Órgão do alho, com folhas numerosas, que permite renovação das partes aéreas da planta: popularmente conhecido como a □cabeça-de-alho□



**Figura 5** – Pasta à base de alho, produzida artesanalmente

Foto: Divulgação

### Disseminação da experiência

No Assentamento é visto sim, a disseminação da produção do alho, pois, atualmente são 05 famílias produtores da cultura. Já a experiência orgânica, ainda não conseguiu expandir para mais pessoas, uma vez que ainda embrionária, se concentra a experiência no único produtor citado.

A Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiater), do Governo da Bahia, tem acompanhado a experiência e, sempre apresenta o produtor como referência nessa forma de produzir. Também é incentivado e promovido o mesmo a participar e prestigiar eventos da área, como feiras, seminários, congresso, além de relatos de experiências nos diversos espaços e momentos.

Organizações governamentais públicas e organizações sociais já tiveram informações dessa experiência, bem como da possibilidade de expansão dessa cultura.

A produção de alho (ou qualquer outra cultura orgânica) na região é uma experiência inovadora e, quiçá pioneira. E, quando se tem a soberania alimentar e as modalidades de sistemas agroecológicos em expansão, defendemos que todas as famílias que cultivam, poderia experimentar tal produção, bem como incentivar a produção, baseado nas possibilidades e condições.

Também, o mesmo apelo fica para a assistência técnica e extensão rural, pública e gratuita, para que se aprimore, invista e incentive melhor a produção, pois,



“Para superar os desafios, tem que ter a dedicação; é preciso focar no que se quer: se planejei em desenvolver a cultura do alho orgânico, busquei as alternativas: visitei a produção de alho, em Luziania/GO; aprendemos fazer o processamento. Hoje fazemos alho em pasta”, relata Miguelzinho.



**Figura 5** – Alho, in natura. Comercializado por “cabeça”

Fonte: AIBA